

## O PROBLEMA DA COLONIZAÇÃO PERMANENTE NO SUL DO BRASIL

Por Preston E. James

Da Universidade de Michigan Ann Arbor,  
Michigan — E. U. A.

*Publicamos, em seguida, os tópicos principais de uma conferência feita pelo professor de Geografia da Universidade de Michigan, Dr. Preston E. James.*

*E' um conhecedor de nossa terra, tendo-a visitado, longamente, conscienciosamente e com muita simpatia, em 1930 e em 1938.*

*São palavras que foram dirigidas pelo sagaz observador aos membros da "Associação dos Geógrafos Brasileiros". Elas não foram ditas para nos lisonjear, mas o grande interêsse e amor ao nosso país, que elas traduzem em cada parágrafo, não impediram o autor de observar meticulosamente. No interior do Brasil, êle teve ocasião de manter interessantes e sugestivas conversas com elementos estrangeiros mal assimilados. Em algumas questões de detalhes, certas ponderações podem ser feitas a respeito do que diz Preston James, mas, no seu conjunto, o quadro que apresenta é de profunda realidade.*

*Fazemos questão de não privar os nossos leitores dêste interessante estudo, porque nele não achamos, como em muitos outros escritos estrangeiros, a recorrência de um "leit-motiv" incondicionalmente elogioso a todo propósito. No trabalho de tradução tomámos a liberdade de alterar um certo número de expressões do autor, esperando não ter assim adulterado profundamente o seu pensamento. A "lição dos Estados Unidos", que conclue o estudo e a sugestão final, são da mais elevada significação e oportunidade.*

D. de C.

O contraste entre a cidade e o interior é um característico muito significativo do Brasil moderno. Uma compreensão total da magnífica cidade do Rio de Janeiro ou da trepidante São Paulo só é possível quando êsses grandes centros urbanos são apreciados em contraste com o interior rural. E êsse interior, sejam quais forem as suas possibilidades futuras, apresenta hoje um comovente espetáculo; durante quatro séculos o solo brasileiro, longe de ser devidamente aproveitado, foi submetido à forma tradicional de exploração destrutiva para ganho temporário. Uma população relativamente pequena utilizou, devastou e abandonou uma grande porção de território; e no entanto, apenas em alguns lugares esparsos, foi o país colonizado de uma forma que o geógrafo pudesse chamar permanente.

Ainda mais, nos distritos rurais a atual população é insuficiente, quer para utilizar efetivamente qualquer porção importante do território nacional, quer para constituir uma base biológica adequada à produção de uma população suficiente num futuro próximo.

Êste contraste entre a cidade e o interior é mais do que físico: é também um contraste de idéias e modos de existência. Por exemplo, a idéia de um estabelecimento industrial em grande escala, procurando

suas matérias primas e vendendo seus produtos muito além do território imediatamente vizinho, não tem cabimento na mesma região com a indústria em pequena escala, servindo apenas à população de uma pequena comunidade. Na Europa essas duas idéias pertencem a diferentes períodos históricos. Entretanto, coexistem hoje no próprio Estado de São Paulo.

O mundo moderno está cheio de idéias novas, novos modos de existência e novas fórmulas para a solução de nossos problemas. E essas idéias têm uma geografia, como têm uma história. As idéias se originam habitualmente nos centros de população e se espalham desses centros para os lugares mais remotos. As idéias do ano passado podem ser encontradas hoje determinando as atividades de pessoas a diferentes distâncias de suas origens; a rapidez, porém, com que as novas idéias se produzem e se espalham torna-se cada vez maior. Por este motivo, constatamos em lugares distantes o estranho fenômeno do conflito das mais recentes fórmulas com os modos de existência de uma época mais atrasada, expandindo-se geograficamente num ritmo mais lento.

E' esta hoje, em poucas palavras, a dificuldade essencial aqui no Brasil. As idéias mais recentes alcançaram estas plagas antes que os degraus intermediários conduzindo a formação dessas idéias na Europa e na América do Norte, se pudessem desenvolver aqui. A idéia de uma existência urbana e industrial surgiu na Europa e na parte oriental da América do Norte somente depois da base rural e agrícola se ter desenvolvido convenientemente. Neste momento, as idéias políticas que se concentram numa Europa densamente povoada, saturada de problemas econômicos e ódios internacionais, parecem estranhamente deslocadas num país notoriamente rico em recursos inexplorados e tradicionalmente livre de preconceitos de raça. A limitação da imigração no país em que todo projeto de desenvolvimento encontra as palavras fatais: "faltam braços", pareceria um absurdo, uma idéia surgida em outro país para resolver um problema que aqui não existe. Será, porém, um absurdo? Vamos considerar mais de perto o problema da colonização no Brasil.

**O sistema da fazenda** Não é necessário estender-me aqui sobre esta forma tradicional da colonização rural no Brasil — a fazenda. Mas desde que ela constitue o sistema fundamental com o qual os recentes modos de viver têm estado em concorrência, devemos mencionar dois característicos essenciais deste sistema.

Em primeiro lugar, êle nunca ofereceu uma vida muito atrativa ao imigrante estrangeiro. Antes de 1888, a situação do trabalho livre era incerta; imediatamente após 1888, porém, veio o primeiro dos grandes períodos de imigração, durante o qual uma grande percentagem de italianos veio para o Brasil e principalmente para São Paulo. Mas êsses novos colonos, com algumas exceções óbvias, não encontraram

no Brasil um caminho rápido para a fortuna. O padrão de vida era modesto e o sistema da fazenda não oferecia ao imigrante o incentivo que era oferecido pelo sistema do "homestead" em outros países novos.

O segundo aspecto da fazenda foi a natureza temporária da utilização da terra. A fazenda, pelo menos neste século, é, com poucas exceções, em primeiro lugar um instrumento de exploração da terra para o máximo lucro imediato, com pequena atenção à qualidade da produção ou à conservação dos recursos da terra, tais como o solo, a água e a mata. A diminuição do lucro não dá como resultado a utilização mais intensiva das melhores terras, tal como descrita nos livros clássicos de economia agrícola na Europa e na América, e sim o abandono das velhas plantações, a mudança para novas áreas e mesmo para novos produtos. O apêgo da população ao solo não foi bastante forte ao ponto de impedir uma mudança para novas áreas.

**Indústrias urbanas** Era este o aspecto do interior agrícola em contraposição ao qual as indústrias urbanas começaram seu desenvolvimento. A idéia de uma indústria em grande escala e da vida em cidades, é uma invenção européia. Por vida de cidade, eu não me refiro a viver em pequenas cidades com seus arredores rurais mais próximos: refiro-me à vida nas grandes cidades, essencialmente separadas das cousas rurais. As máquinas tornaram tudo isto possível. A máquina a vapor e, agora, os inúmeros artifícios empregados para o controle da força inanimada, não só conduziram ao grande estabelecimento industrial, como também forneceram os meios de transporte barato pelos quais as máquinas foram alimentadas de matérias primas e os produtos foram enviados a mercados distantes. O aumento espetacular da população e a concentração sem precedentes das populações nas cidades são um resultado direto deste novo modo de vida. A organização industrial essencialmente urbana é a antítese completa do regionalismo econômico no qual cada unidade política procura se tornar tão independente quanto possível de todas as outras regiões, ao passo que a moderna cidade industrial depende intimamente, na vida econômica, das diferentes partes do mundo.

O conflito desta nova idéia com os antigos modos de existência tem prosseguido, durante cerca de século e meio.

Originando-se pelas margens do Mar do Norte na Europa Ocidental, mais ou menos no começo do século XIX, a transformação das propriedades rurais com pequenas cidades, de importância local apenas, em grandes cidades industriais, se veiu procesando em círculos cada vez mais ampliados. Nos Estados Unidos a história dessa transformação é dolorosa. As regiões do meu país em que estes dois sistemas tiveram seu principal surto eram geograficamente separadas: o Norte e o Sul.

Este fato levou à separação política e, por fim, à Guerra Civil cujas cicatrizes só agora começam a desaparecer com o desenvolvimento rá-

pido da idéia da indústria urbana no Sul. No Brasil, a situação é diferente. Não existe aqui uma separação geográfica entre cidades industriais e plantações rurais, que pudesse ter produzido uma guerra civil, baseada em motivos verdadeiramente fundamentais, pois tanto as fazendas como as indústrias têm seu surto principal na mesma região e os proprietários rurais estão se tornando, em grande número, proprietários industriais.

Contudo, o conflito entre esses dois modos de existência não se dá sem perturbações fundamentais. Um dos resultados sérios é a rápida migração da população do campo para a cidade, não só em quantidade como em qualidade. Em cada geração, os rapazes e as moças mais enérgicos procuram a vida urbana. O resultado é que o interior agrícola, já fraco no início, torna-se cada vez mais fraco com o desenvolvimento das grandes cidades. O contraste entre a cidade e o campo torna-se cada vez maior.

A falta de um "hinterland" econômico rural revela-se geograficamente pela relação entre as ferrovias e a densidade da população.

Uma cidade de 100.000 habitantes na Europa Ocidental ou na parte leste dos Estados Unidos estaria ligada à rede de transportes do país não só por meio de boas estradas, para bom ou mau tempo, como também por muitas vias férreas convergentes. Sem ferrovias, nossas cidades não poderiam existir. O abastecimento da cidade de Detroit, por exemplo, cessaria dentro de 48 horas se as ferrovias deixassem de funcionar. Mas observem as ligações de estradas em São Paulo, com sua população de mais de um milhão. É desnecessário estender-me aqui sobre o fato curioso que as ligações ferroviárias e rodoviárias existentes em São Paulo seriam inadequadas a uma cidade cinco vezes menor na Europa e na América do Norte.

Observem também os maiores entroncamentos ferroviários nesta parte do Brasil. Em vista da experiência na Europa e na América, esperar-se-ia encontrar muitos centros industriais e comerciais brotando onde importantes ferrovias se cruzam. Um mapa ferroviário do Brasil mostra claramente que em muitos dos mais importantes entroncamentos ou não há desenvolvimento urbano algum, ou há uma cidade de pequena importância, dependente de serviços ferroviários.

Observem, por exemplo, o cruzamento da linha tronco da *Sorocabana* e a extensa ligação ferroviária com os Estados do Sul, que é em lugar distante à oeste da cidade de Sorocaba. Observem a junção entre a linha tronco da *Paulista* e o ramal de Baurú que faz a ligação com todo o Noroeste. Pensem ainda em Barra do Piraí, talvez o maior entroncamento ferroviário desta parte do Brasil, ocupado por uma cidade de relativamente pequena importância. Observem, também, as muitas cidades importantes situadas em ramais. O sentido de tudo isso é claro: as ferrovias representam um papel muito pouco importante na ligação das cidades com o interior rural. O desenvolvimento extraordinariamente rápido das grandes cidades brasileiras carece ainda de raízes.

## A MIGRAÇÃO E A COLONIZAÇÃO RURAL

Mesmo no Estado do Brasil que é o mais adiantado economicamente, São Paulo, a população rural ainda está fracamente apegada à terra; enquanto esta situação durar não pode haver valores econômicos seguros, mesmo nas cidades. O deslocamento do limite do café, do Vale do *Paraíba*, primeiro para Campinas, depois para o norte e para oeste, e mais recentemente para sudoeste, é uma história bastante conhecida. O deslocamento do limite foi sempre acompanhado do abandono das velhas zonas cafeeiras. Nos últimos anos anteriores a 1930 a migração na direção do oeste tem sido efetuada, como Monbeig mostrou, por pequenos proprietários rurais. Os aspectos essenciais do quadro permaneceram, porém, os mesmos. A febril atividade de desbravamento na "frente pioneira" paulista hoje, é exercida por uma pequena parte de elementos novos.

Em 1936, apenas 20 % dos que entraram no Estado de São Paulo eram imigrantes estrangeiros. A grande maioria dos que tomaram parte na colonização da "frente pioneira" tinha vindo das velhas zonas cafeeiras que sofriam devido a uma séria redução de trabalho ou tinha vindo da Baía ou de Minas também em consequência da redução de trabalho naqueles Estados. Em 1936, o café já não era a cultura ideal — êle fôra substituído pelo algodão; mas agora já não é mais o algodão — as laranjas são a última palavra. Em parte alguma encontra-se fixidez ou estabilidade; apenas a corrida a novas formas de exploração para lucro imediato.

E agora somos levados a iniciar a "marcha para oeste". Comparando com o que se passou nos Estados Unidos, vemos que lá o movimento em direção ao oeste se deu depois que uma densidade de população muito maior tinha sido alcançada à leste e a concentração dessa população só diminuía em poucos lugares. O movimento foi mantido por uma torrente de imigração. Ainda mais, na América do Norte o movimento encontrou, justamente à oeste dos *Apalaches*, algumas das melhores terras do mundo para a cultura do trigo e do milho, a criação de gado e de porcos.

.....

... O Brasil possui também grandes áreas de boa terra para cultura, apropriada à colonização agrícola permanente. Nenhuma nação de extensão comparável à sua, perde tão pequena porção de seu território devido a elevações íngremes, excesso ou deficiência de umidade. Omitindo a planície do *Amazonas* que, ocupada à maneira do Oriente, poderia sustentar milhões de pessoas empregadas na cultura do arroz, e omitindo o Nordeste que, com o auxílio da irrigação, poderia tornar-se muito produtivo, somente as partes central e meridional do país poderiam absorver tôda a imigração que possa vir para o Brasil no tempo em que aquí estivermos para presenciá-la. O vale do Rio *São Francisco*

apresenta vantagens fisiográficas indubitáveis para a produção do algodão, só faltando gente e meios de acesso. Mas o algodão é uma especulação arriscada no mundo moderno e não deve ser recomendado como base de uma colonização permanente. Mato Grosso, ao sul da linha da *Noroeste* e no Pantanal, ao longo do Rio *Paraguai*, oferece algumas boas terras para o gado, mas o isolamento deste território, aliado à incerteza



*Estrada na parte oeste do novo território de colonização da "Cia. de Terras Norte do Paraná", aberta através da mata virgem na terra roxa — terras de 1.ª ordem para os pioneiros*

FOTO PRESTON JAMES

das chuvas, sugere que os projetos de colonização agrícola sejam empreendidos com cuidado extremo. O próprio Estado de São Paulo pode ainda absorver um considerável aumento de população, especialmente nas regiões de terra roxa e da formação de Baurú, estendendo-se à oeste em direção ao Paraná, ao longo dos espigões. O Noroeste do Paraná, com êsses dois tipos de solo cobrindo

grandes áreas e ocupando a zona de transição entre as culturas das latitudes médias e as tropicais, oferece provavelmente as melhores terras agrícolas do Brasil.

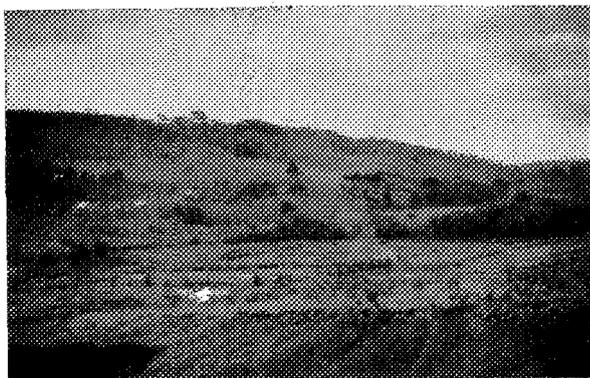
Mas nem tôdas essas terras puderam esperar o advento da colonização permanente. Uma área espantosa já foi destruída pelos desbravadores. Estes homens praticam neste momento a pior forma de exploração destrutiva. Grande quantidade de valiosas madeiras foi cortada e queimada para dar lugar a culturas de milho de subsistência precária. A potassa das cinzas da madeira teve como efeito matar as bactérias do solo de modo que, em pouco tempo, se perdeu a



*Derrubadas no oeste do Paraná*

FOTO PRESTON JAMES

riqueza potencial acumulada pela natureza durante séculos. A produção diminui depois do primeiro ano e o desbravador acha mais fácil mudar-se para novas derrubadas, abandonando as velhas ao junco nativo, conhecido por *taquaral*. As casas são sem confôrto, construídas facilmente com o material à mão e também abandonadas com facilidade. Os campos apenas mostram relações caóticas para com o solo,



Fazenda de colonizadores europeus, perto de Guarapuava, no oeste do Paraná

FOTO PRESTON JAMES

contudo, também, seus aspectos brilhantes. Há muitas fazendas em São Paulo que são modelos de bom método agrícola. Em muitas partes do Estado, o uso dos alinhamentos horizontais nas encostas dos morros começa a substituir o uso tradicional dos alinhamentos verticais. Uma das mais importantes escolas agrícolas do Brasil, o *Instituto Agrônomo de Campinas*, está fazendo serviço de desbravamento de importância internacional no estudo dos solos tropicais.



Colonização alemã perto de Rolândia

FOTO PRESTON JAMES

E há, também, as colônias européias e japonesas.

Um geógrafo que chega de chofre a uma dessas colônias experi-



Colonização alemã perto de Rolândia, Paraná. Observe as matas no "espigão"

FOTO PRESTON JAMES

pois as derrubadas são encontradas no fundo dos vales, nas encostas dos morros ou no alto dos espigões sem nenhuma idéia de uso racional ou permanente. Uma população relativamente escassa conseguiu destruir assim uma grande área do sertão no Noroeste do Paraná.

O quadro da colonização rural no Brasil tem

ção rural no Brasil tem

menta uma brusca surpresa. Ali, há um estabelecimento adaptado ao solo. Os bosques são conservados ao longo do cume dos espigões; vários produtos são cultivados e cada produto está colocado de modo a aproveitar as menores variações de solo e umidade; casas sólidas são construídas em sítios cuidadosamente escolhidos. Mesmo as mais

isoladas propriedades podem ser alcançadas de automóvel, pelo menos com tempo sêco; e não muito longe, ao longo da ferrovia, há cidades providas de armazéns, cinemas, hotéis e escolas. Quer sejam as velhas colônias, tais como Caxias, no Rio Grande do Sul, ou Blumenau, em Santa Catarina, ou as novas colônias como Terras Novas ou Londrina, no Paraná, tem-se a impressão de que essa gente construiu casas e não acampamentos.

Várias nacionalidades estão representadas nessas colônias. Italianos, polacos e japoneses são os que mais facilmente se encontram. Elas nos lembram colônias semelhantes de estrangeiros nos Estados Unidos que, ficando isoladas, permaneceram distintamente diferentes do resto do país e formam agora pequenas ilhas de feição especial.

**Restrição à imigração** Agora uma nova idéia se impõe ao Brasil — a idéia da restrição à imigração. Este plano foi projetado nos Estados Unidos com dois objetivos: primeiro, proteger o trabalho norte-americano, com seu padrão de vida relativamente alto, contra a competição do trabalho estrangeiro barato, especialmente num período em que de três a dez milhões estavam regularmente desempregados devido a mudanças de técnica; em segundo lugar, proteger a composição da população contra uma diluição demasiada por elementos que, pensava-se, não podiam ser absorvidos por aquela notável mistura de povos diversos conhecidos como norte-americanos. Enquanto que a imigração foi proposta muitos anos antes, a restrição só foi adotada depois de se terem ocupado tôdas as terras de primeira qualidade dos Estados Unidos. A “frente pioneira”, no verdadeiro sentido da palavra, existe hoje apenas em alguns lugares isolados ou nos *studios* de Hollywood.

Esta idéia da restrição à imigração vem ao Brasil muito antes de se ter atingido uma fase similar da colonização. Não há certamente necessidade de proteger o trabalho no Brasil contra uma competição com o trabalho barato dos imigrantes.

O propósito das atuais restrições é, supomos, proteger o Brasil contra a vinda de estrangeiros tão numerosos que permaneçam inassimilados. A nova lei é bastante detalhada. Cada colônia deve ser composta de, pelo menos, 30 % de pessoas nascidas no Brasil, e não deve exceder 25 % de pessoas de qualquer país estrangeiro. As escolas devem ser dirigidas por brasileiros e a instrução dada em português. A tendência atual da maioria dos imigrantes a se fixar nas grandes cidades é reprimida pelo dispositivo de que 80 % de cada quota devem ficar nos distritos rurais durante quatro anos pelo menos.

Já que um grande número de colônias européias e japonesas se compõe inteiramente de uma nacionalidade, a aplicação desses dispositivos a colônias já existentes exigiria um movimento de população em grande escala. Outras partes da lei, contudo, já foram aplicadas...

... O ponto de vista brasileiro é compreensível. Essas colônias de estrangeiros, insistem êles, permaneceram grandemente separadas do resto do Brasil. Muitos temem que novas idéias políticas, formuladas em outros continentes, tenham pronta aceitação nesses grupos inassimilados e que o resultado venha pôr em perigo a estabilidade política do país. Que êles não se assimilaram e que, no nosso mundo nacionalista de hoje, são talvez inassimiláveis, é inegável. A dificuldade é com as idéias, não com o povo; as colônias mais antigas, estabelecidas antes da presente era de intenso nacionalismo, foram sendo absorvidas pouco a pouco na formação de vida brasileira. Mas o espírito dos novos colonos é diferente. Similarmente, estão os japoneses estritamente preocupados com o duro labor de fazer surgir lares das selvas. Quanto às idéias políticas estrangeiras, essas encontram seus principais adeptos e promotores entre a gente citadina — os colonos rurais estão demasiado preocupados com outros assuntos.

De qualquer modo, a imigração estrangeira acha-se num impasse.

**O problema da colonização** Eis como o Brasil se vê a braços com um problema da maior importância. O processo de transformar a riqueza potencial do interior brasileiro em valores econômicos exigiria o esforço de muitos homens. Se a população permanecer relativamente pequena e se continuarem os métodos tradicionais de exploração agrícola, o patrimônio nacional irá pouco a pouco se desgastando. Essa ruína se dará, em grande parte, em porções tão insignificantes que a consciência nacional não será despertada. Seria necessário para mudar do sistema tradicional para um sistema de colonização permanente, uma imigração igual à que teve lugar nos Estados Unidos entre 1870 e 1890.

A população atual do Brasil é insuficiente para fornecer esta mão de obra. Excetuando-se pequenas porções das antigas colônias européias dos Estados meridionais, cada avanço da "frente pioneira" brasileira foi acompanhado dum decréscimo de população nas zonas mais antigas. Essa "frente" em outras palavras, está vazia — é apenas uma onda de exploração e não o limite de uma zona de colonização que avançou vitoriosamente para o sertão. Na verdade o sertão tanto fica à frente como atrás. Se com a "marcha para oeste" se quer significar mais do que o deslocamento de um grupo de pessoas de uma velha zona de exploração para uma nova, ela deveria ser alimentada por uma imigração em muito maior escala — uma imigração estrangeira como o Brasil ainda não viu.

No mundo atual não é fácil sugerir as fontes possíveis de uma corrente imigratória tão vasta, mesmo que não houvesse restrições. Em primeiro lugar é pequeno o número de europeus dispostos a aceitar a vida de fazenda. Quasi tôda gente hoje deseja morar na cidade. Esta é uma das novas idéias que invadiram o Brasil com demasiada rapidez.

Somente quando a vida rural puder gozar de todos os benefícios dos serviços públicos, desconhecidos no tempo dos pioneiros norte-americanos, se encontrará um grupo numeroso de homens dispostos a ir voluntariamente para as "frentes pioneiras". Do contrário, o único incentivo será o desejo de fazer fortuna rápida e um breve regresso à cidade. Existem, no entanto, algumas pessoas com o espírito de aventura e amor à terra, que constituem justamente os elementos imprescindíveis à vida de explorador. Afora os japoneses, que são, em grande parte, agricultores, as principais fontes possíveis de imigrantes para as zonas rurais são os alemães, os polacos, os lituanos e outros povos da Europa Oriental.

Outro fator importante na dificuldade atual de encontrar imigrantes é o surto do espírito de nacionalismo econômico de após-guerra. Apesar da pobreza e até mesmo da fome, o fogo de patriotismo inflama tão intensamente entre alguns povos, que o servir ao Estado sobrepõe-se às aspirações de liberdade individual. Os italianos, pelo menos presentemente, envidarão todos os seus esforços na colonização da Etiópia. É difícil asseverar que os colonizadores alemães estejam dispostos a adotar outra bandeira pelo resto da vida.

Presentemente, portanto, as severas restrições impostas pela nova legislação não são de maneira alguma, absurdas... Como medida temporária destinada a retardar a colonização durante um período de insânia mundial, o qual esperamos que não dure indefinidamente, as restrições à imigração podem ter real valor. Mas não se pode considerar essa política como sendo de algum modo construtiva nem definitiva...

**Uma lição vinda  
dos Estados Unidos**

Durante este período em que a colonização deve ser efetuada paulatinamente, se o for de algum modo, os geógrafos brasileiros tem sobre si a responsabilidade de uma missão de grande importância. Esta Sociedade (*Associação dos Geógrafos Brasileiros*) não poderia dedicar-se a uma tarefa mais importante do que prestigiar e dirigir uma pesquisa sistemática sobre as realidades econômicas do Brasil.

Oxalá que as minhas palavras vos possam transmitir a importante lição que tivemos através uma experiência amarga na América do Norte e que dependa de vós agora utilizá-la para evitar o desastre da colonização rural não dirigida. Com poucas exceções conspícuas, as nossas terras nos Estados Unidos foram ocupadas sem plano ou conhecimento adequado do progresso, e, agora que os nossos levantamentos começam a suprir esta lacuna, é tarde demais para evitar as perdas econômicas e sociais produzidas pelo fracasso.

Deixem-me expor, muito rapidamente, nossa experiência no Estado de Michigan. A maior zona deste Estado se estende para o norte como uma enorme península entre os lagos *Michigan* e *Huron*. Os dois

terços ao norte desta península estavam originalmente cobertos de vastas reservas de pinheiros. O solo, contudo, é na sua maior parte de origem glacial — areias e cascalho com pouca fertilidade natural. Ainda mais, a duração da estação do crescimento entre as últimas geadas da primavera e as primeiras geadas do inverno é de menos de 150 dias, tornando arriscado o cultivo do milho.

A fronteira agrícola, depois de atravessar os *Apalaches*, deslocou-se para oeste, através de uma região que era talvez uma das melhores do mundo para a produção do milho — a *Corn Belt*. Depois de 1900, a fronteira continuou adiantando para oeste pelos campos semi-áridos de Kansas e Nebraska, e para o Norte por Michigan, Wisconsin e Minnesota. O longo período dos caçadores de peles foi finalmente interrompido pela chegada dos desbravadores de matas que derrubaram as magníficas florestas até a última árvore. Mas, logo após os desbravadores de matas, vieram os colonos agrícolas. Eles construíram estradas, cidades e casas de fazenda; araram a terra e plantaram. E o resultado foi o desastre. Ante a dificuldade da curta duração da estação do crescimento e da pobreza do solo, foram forçados pouco a pouco a mudar-se para qualquer outro lugar ou ficar na miséria. Lá por 1920, o Estado viu-se proprietário de grandes áreas tornadas devolutas por não pagamento de taxas. A população desta região do Estado era insuficiente para manter as despesas do governo, incluindo a manutenção das estradas, serviço postal e escolas. Que política se poderia adotar na tentativa de fazer com que aquele solo voltasse a ter uma utilização produtiva?

Os geógrafos da *Universidade de Michigan* foram aproveitados na organização e direção de um levantamento que, desde então, mereceu grande atenção pública através de todos os Estados Unidos e tem servido de modelo para outros levantamentos similares — o *Michigan Land Economic Survey*. Para este problema, prepararam-se mapas detalhados — na escala de cerca de 1:10.000 — com os seguintes acidentes para análise: grau de declive; solo; tipo de revestimento florístico; forma de utilização naquele momento, se existente; distribuição da população; e vários tipos de dados econômicos.

Baseando-se nesses mapas podiam-se separar certas áreas para culturas adequadas, outras áreas para estações de veraneio, outras para reservas de caça e ainda outras para o reflorestamento.

Porque, perguntarão, dirigiriam os geógrafos trabalhos desta natureza? Porque não deixar os do serviço florestal planejar o reflorestamento, os técnicos agrícolas a melhor utilização do solo, e os técnicos de caça e pesca a preservação dos animais? A resposta foi bem dada por este levantamento em que se utilizaram amplamente dos serviços desses técnicos. Em geral, os técnicos florestais pensam apenas em obter mais árvores, os técnicos agrícolas mais colheitas. Somente o geógrafo, aplicando a técnica do levantamento detalhado de campo, poderia ver a

região em conjunto e em suas relações com as outras regiões. Os estudos acadêmicos dos professores encontraram ali aplicação prática na solução de um problema social e econômico premente.

O Brasil possui hoje imensas áreas de terras com potencial agrícola. Mas uma "marcha para oeste" geral, encontraria também grandes áreas demasiado úmidas, ou com chuvas muito incertas, ou com doenças tropicais demasiado frequentes para as formas comuns de colonização rural. Mesmo na rica zona do oeste do Paraná a terra, quando considerada em detalhe, não se presta em sua totalidade às culturas. Os altos dos espigões, por exemplo, deviam conservar as matas, ou o resultado será uma erosão séria, quando a terra roxa secar. As regiões de geada não deviam ser plantadas com café. Numa quantidade de detalhes, a colonização devia ser orientada por conhecimento científico, e, neste trabalho, os geógrafos poderiam assumir a direção.

O estabelecimento de um levantamento geográfico no Brasil exige antes de tudo, a construção de mapas topográficos precisos em escala ampla. Esta *Associação* poderia tomar a si a tarefa de estimular os agentes competentes para uma atividade muito maior. O *Serviço Geográfico do Exército*, por exemplo, poderia ser levado a empregar o seu equipamento de aerofotogrametria para o levantamento imediato das áreas que, no consenso geral, são mais próprias para a colonização. E então, afim de ter em dia um corpo competente de operadores de campo, que saibam o que representar cartograficamente e como fazê-lo, os jovens brasileiros, que mostrarem interesse e habilidade nesta espécie de trabalhos, poderiam receber um treino intensivo nos campos técnicos da América do Norte.

Reconheço que isto é propaganda estrangeira. E' esta uma das novas idéias que tiveram origem em outra parte do mundo e que veem ao Brasil antes dele estar preparado para ela. Eu me atrevo, contudo, a esperar que a idéia de um levantamento geográfico, levado a efeito no campo com mapas detalhados, formando a base de uma colonização agrícola, possa criar raízes neste grande país, antes que os penosos desastres de uma colonização não dirigida sejam experimentados, como nós, seus amigos do Norte, os experimentámos.

---

NOTA — As observações que serviram de base ao presente trabalho, foram realizadas nos meses de abril e agosto de 1938, no território compreendido entre Pirapora ao norte, Corumbá ao oeste e Rio Grande do Sul ao sul. Em parte, esses estudos foram estipendiados pelas "bolsas" do *Social Science Research Council of New York*, e da *Faculty Research Fund of the University of Michigan*.

RESUMÉ — RESUMEN — RIASSUNTO — SUMMARY — ZUSAMMENFASSUNG — RESUMO

L'auteur, éminent professeur de Géographie à l'Université de Michigan (Ann Arbor) E. U. A., présente une contribution pour l'étude du problème de la colonisation permanente au sud du Brésil, basée sur des observations, notées au cours d'un récent voyage.

L'auteur commence par étudier le contraste entre la ville et la campagne ce qui caractérise très significativement le Brésil moderne, contraste qui s'étend jusqu'aux idées et aux manières d'existence.

Il examine la forme traditionnelle de la colonisation rurale — la forme-, avec un système de vie généralement modeste et distinguée par la nature temporaire de l'utilisation des terres, fait étroitement lié à la culture extensive et qui donne origine à des mouvements de population vers les régions de terres vierges, pas encore épuisées.

Examinant ensuite les industries urbaines, il montre comme au Brésil il n'existe point de séparation géographique entre les régions des villes industrielles et celles des plantations rurales, puisque les formes comme les industries ont leur principal essor dans une même région. Il étudie encore les relations entre les chemins de fer et les grands centres urbains, indiquant leurs aspects caractéristiques et conclue, que les chemins de fer jouent un rôle insignifiant dans la liaison des villes avec l'intérieur du Pays.

L'auteur examine ensuite l'actuelle situation de l'immigration et de la colonisation rurale. Il montre que l'activité de la colonisation du "front pionnier" pauliste est exercée principalement par des brésiliens venus des zones pauvres, et à peine en 20%, par des immigrants étrangers. Il compare l'actuel mouvement de la "marche vers l'ouest" avec un mouvement analogue vérifié et siécle passé aux États Unis, et maintenu par un fort courant d'immigration. L'auteur passe en revue les zones brésiliennes propices à la colonisation, indiquant la région du nord-ouest du Paraná comme les meilleures terres agricoles du pays.

Il s'attarde en étudiant les causes de la présente restriction à l'immigration, causes au Brésil bien différentes de celles qui aux États Unis imposèrent des providences semblables.

Ici, l'idée fondamentale est l'assimilation de l'immigrant et le soin d'éviter la formation de kystes ethniques.

L'auteur rehausse la nécessité de résoudre le problème de la colonisation de l'intérieur du pays, c'est à dire, la réalisation de la dite "marche vers l'ouest", qui, sans préjudice pour la région orientale, pourrait être possible par moyen d'une immigration étrangère en grande escale; mais il reconnaît, d'autre part, les actuelles difficultés pour la politique de colonisation, à cause des obstacles créés par les pays d'émigration, et aux actuelles restrictions à l'entrée d'immigrants, restrictions qui sont d'ailleurs nécessaires "dans une période de folie mondiale".

Terminant son étude, par le chapitre intitulé — "Une leçon venue des États Unis, l'auteur présente des intéressantes suggestions. Il as rapporte à la colonisation du nord de l'État de Michigan, qui fût désastreuse à cause de l'ignorance des vrais conditions du sol et du climat de la région. Il raconte comment les géographes de l'Université de Michigan ont été appelés pour faire un levé général de ces terres, indiquant les surfaces propres aux diverses cultures, à l'élevage, au reboisement, etc., pour que la région puisse alors retourner à une utilité productive.

L'auteur prouve de cette manière que la colonisation devrait être orientée scientifiquement, les géographes prenant sur soi la direction de ce travail. En terminant, il fait un appel aux géographes brésiliens pour qu'il soit entrepris au Brésil une exploration géographique intense, avec des cartes détaillées, qui serviraient de base à une colonisation agricole bien dirigée, évitant des résultats désastreux, comme ceux qui se sont vérifiés en son pays natal, ainsi que prouve l'exemple auquel il vient de se rapporter.

El autor, profesor de Geografía de la Universidad de Michigan (Ann Arbor) E. U. A., presenta una contribución para el estudio del problema de la colonización permanente en el Sur del Brasil, basada en las observaciones a que procedió en reciente viaje.

Inicialmente estudia el contraste entre la ciudad y el campo, característico muy significativo del Brasil moderno, contraste que se estende a las ideas y a los modos de existencia. Examina la forma tradicional de colonización rural — la hacienda — con un padrón de vida generalmente modesto y caracterizada por la naturaleza temporaria de la utilización de la tierra, hecho este estrechamente ligado a la cultura extensiva y que da origen a movimientos de población para regiones de tierras vírgenes, aun no agotadas. Pasando a tratar de las industrias urbanas, muestra como en el Brasil no hay separación geográfica entre regiones de ciudades industriales y de plantaciones rurales, puesto que tanto las haciendas como las industrias tienen su desarrollo principal en una misma región. Estudia también las relaciones entre los ferro carriles y los grandes centros urbanos, muestra sus aspectos característicos y concluye que los caminos de hierro representan un papel poco importante en la ligación de las ciudades con el interior.

El autor pasa a estudiar la situación actual de la inmigración y de la colonización rural. Muestra que la actividad del desbravamiento de la "frente pionera" paulista se ejerce principalmente por brasileros provenientes de zonas pobres y, apenas en 20%, por inmigrantes extranjeros. Compara el actual movimiento de "marcha para el oeste" con el movimiento análogo verificado en los Estados Unidos en el siglo pasado, mantenido por una fuerte corriente de inmigración. Pasa en revista las zonas brasileras propicias a la colonización, apuntando la región de noroeste del Paraná como las mejores tierras agrícolas del país.

El autor se detiene en el estudio de las causas de la actual restricción a la inmigración, causas aquí diferentes de las que, en los Estados Unidos, impusieron providencias semejantes. En el Brasil la idea fundamental es la asimilación del inmigrante y el cuidado de evitar la formación de quistes étnicos. Sallenta, por un lado, la necesidad premente de resolver el problema de la colonización del país, ó sea, la llamada "marcha para el oeste", la cual solo será posible, sin daño para la región oriental, con una inmigración extranjera en gran escala; pero reconoce, por otro lado, los obstáculos actuales para una política de colonización, debido a las dificultades por parte de los países de emigración, como también por causa de las restricciones actuales a la entrada de inmigrantes, restricciones necesarias "durante un período de insania mundial".

Finalizando su trabajo, el autor presenta interesantes sugerencias en el capítulo intituado — "Una lección venida de los Estados Unidos". Refiere a la colonización de la parte norte del Estado de Michigan, la cual resultó en fracaso debido al desconocimiento de las verdaderas condiciones del suelo y del clima de esa región. Cuenta como los geógrafos de la Universidad de Michigan fueron llamados para hacer un levantamiento general de esas tierras, indicando las áreas apropiadas a las diversas culturas, a la pecuaria, al repianto de bosques, etc., de modo que la región volvera a tener una utilización productiva. Muestra, así, que "la colonización debía ser orientada por conocimiento científico, y, en este trabajo, los geógrafos poderían asumir la dirección". Concluyendo, hace un apelo a los geógrafos brasileros para que se haga, en el Brasil, un levantamiento geográfico intensivo, con mapas detallados, que sirvan de base para una colonización agrícola bien dirigida, de modo a que se eviten resultados desastrosos como los que se verificaron en su país natal, en el ejemplo a que acabara de referirse.

L'autore, professore di geografia all'Università di Michigan (Ann Arbor) negli Stati Uniti, presenta un contributo allo studio del problema della colonizzazione permanente nel Brasile meridionale, basato nelle osservazioni raccolte in un recente viaggio.

Esponde dapprima il contrasto fra la città e la campagna, caratteristico del Brasile moderno, che si estende alle idee e al modo di vita. Esamina la forma tradizionale della colonizzazione rurale — la "fazenda" —, con un tenor di vita generalmente modesto e caratterizzata dalla natura temporanea dell'utilizzazione della terra: fatto strettamente legato alla cultura estensiva e che dà origine a movimenti di popolazione verso regioni di terre vergini, ancora non esauste.

Passando a trattare delle industrie urbane, mostra come nel Brasile non esista divisione geografica fra zone di città industriali e di coltivazioni agricole, poiché tanto le "fazendas" quanto le industrie hanno il loro principale sviluppo in una stessa regione.

Studia anche le relazioni tra le ferrovie e i grandi centri urbani; mostra i loro aspetti caratteristici e giunge alla conclusione che le ferrovie hanno una funzione poco importante nel congiungere le città con l'interno.

L'autore studia in seguito l'attuale situazione dell'immigrazione e della colonizzazione rurale. Mostra che l'attività di dissodamento del terreno della "fronte pioneira" paulista è esercitata principalmente da brasiliani provenienti da zone povere, e soltanto per il 20% da immigranti stranieri. Confronta il movimento attuale di "marcia verso l'occidente" col movimento analogo verificatosi negli Stati Uniti nel secolo scorso, col favore di una forte corrente di immigrazione. Passa in rassegna le zone brasiliane propizie per la colonizzazione, indicando la regione del Nordest del Paraná come quella che possiede le migliori terre agricole del paese.

L'autore si sofferma nello studio delle cause dell'attuale restrizione all'immigrazione: cause diverse da quelle che imposero provvedimenti restrittivi negli Stati Uniti. Nel Brasile la direttiva fondamentale è quella dell'assimilazione dell'immigrante: si pone ogni cura nell'evitare la formazione di cisti etniche. Sottolinea da una parte, la necessità urgente di risolvere il problema della colonizzazione dell'interno del paese, cioè la così detta "marcia verso l'occidente", che sarà possibile, senza danni per la regione orientale, soltanto con una vasta immigrazione straniera; ma riconosce, d'altra parte, le difficoltà odierne di una politica di colonizzazione, dovute così agli ostacoli opposti da parte dei paesi di emigrazione come alle restrizioni dell'entrata di immigranti, divenute necessarie "durante un periodo di follia mondiale".

Concludendo l'autore offre interessanti suggerimenti nel capitolo intitolato — "una lezione offerta dalla esperienza degli Stati Uniti". Si riferisce alla colonizzazione della parte settentrionale dello Stato di Michigan, che fu un insuccesso, per causa dell'ignoranza delle vere condizioni del suolo e del clima della regione. Racconta come i geografi dell'Università di Michigan furono chiamati a rilevare una carta generale di quelle terre, indicando le aree adatte alle diverse culture, all'allevamento del bestiame, al rimboscamento, ecc., in modo che la regione potesse riavere un'utilizzazione produttiva. Mostra, così che "la colonizzazione dovrebbe essere orientata dalla conoscenza scientifica, e, di quest'opera, i geografi potrebbero assumere la direzione". E fa un appello ai geografi brasiliani affinché si proceda ad un rilievo geografico intensivo, con carte particolareggiate, che servano di base per una colonizzazione agricola ben diretta, in modo da evitare risultati disastrosi come quelli che si verificarono nel suo paese natale, nell'esempio sopra ricordato.

The author professor of Geography in the Michigan University (Ann Arbor), U. S. A., offers an aid to the study of the problem of permanent colonization in the south of Brazil, founded in observations caught during a recent voyage.

He examines preliminarily the contrast that exist between city and country, characteristic very expressive of modern Brazil, and which extends itself to the ideas and living moods. He studies the traditional form of rural colonization — the farm — with its general simple life, remarked by the temporary utilization of land, fact that is strictly related to extensive culture and which causes population movements towards virgin regions, not yet exhausted.

Considering city industries, he shows that in Brazil there is no geographical difference between regions of industrial cities and those of rural plantations, for the farms as the industries find their principal outleap in a same region. He studies also the relations that exist between the railways and large city centers, pointing out their characteristic aspects, and deduces that railway plays no important part in the binding of cities with the interior of the Country.

The author studies then, the present situation of immigration and rural colonization. He shows that the active colonization of the paulista pioneer front, was exercised chiefly by brazilians who came from poor zones, and only in 20% by foreign immigrants. He compares the actual movement, termed as the "march towards the west" with a resembling one happened last century in United States and maintained by immigration in large scale. He examines the brazilian zones favourable to colonization, pointing the northeast region of the state of Paraná as the country best agricultural lands.

The writer detains himself considering the causes of actual restriction to immigration, which are here quiet different from those that in United States imposed resembling measures. In Brazil the principal idea, is the immigrant assimilation and the care to avoid the formation of ethnic cyst. He ressaunts, in other side, the pressing necessity of resolving the country interior colonization problem, that is to say, the called "march towards the west", which will only be possible, with no prejudice to oriental region, by means of foreign immigration in large scale; but the author confesses in other side the present difficulties to a colonization politic, due to the impediments which exist in the countries of emigration as also on account of the present restrictions to immigrant ingress, restrictions which are necessary "during a period of madness in all the world."

Concluding his work, the author presents interesting suggestions in the chapter entitled — "A lesson came from United States". Referring to colonization of the north of the state of Michigan, which failed, due to ignorance of soil and climate real conditions in this region. He tells how the geographer of Michigan University were called to undertake a general survey of these lands, pointing out the proper surfaces to different cultures, to breeding and to reforestation, so that the region should return to activity. Thus he proves, that colonization should be scientifically undertaken, and the geographers should assume the direction of this work. Finishing the author makes an appeal to brazilian geographers, so as to be done in Brazil, a geographical intensive survey, with detailed maps that would serve as base to a well directed agricultural colonization, so as to avoid the misfortune whics happened in his country, as relates the example he just reported.

Verf., Dozent der Geographie an der Universität Michigan (Ann Arbor) U. S. A. gibt einen Beitrag zur Frage der Dauersiedlung in Südbrasilien, den er auf Beobachtungen anlässlich einer jüngst gemachten Reise gründet.

Eingangs untersucht er die Gegensätze von Stadt und Land, die im heutigen Brasilien sehr bedeutungsvoll sind und sich auf das Denken und die Lebensweise erstrecken. Die traditionelle Form landwirtschaftlicher Siedlung — das Landgut — hat im allgemeinen einen bescheidenen Lebensstandard, dem die Möglichkeit nur zeitweiliger Bodenausnutzung das Gepräge gibt; in innigem Zusammenhang damit steht die Extensivkultur, die ihrerseits wieder Ursache von Abwanderungen nach Gebieten mit jungfräulichem, noch nicht erschöpftem Boden ist. Weiter behandelt Verf. die städtische Industrie und zeigt, wie es in Brasilien zwischen Industrie-stadtgebiet und landwirtschaftlichem Anbaugelände keine Scheidung gibt, da sowohl Landgut wie Industrie ihren Hauptaufschwung in gleicher Gegend nehmen. Verf. untersucht charakteristische Erscheinungsformen und kommt zum Schluss, dass die Eisenbahnen keine wesentliche Rolle in der Verbindung der Städte mit dem Hinterland spielen.

Dann geht er dazu über, den gegenwärtigen Stand der Einwanderung und der ländlichen Besiedlung zu besprechen. Die Tätigkeit der Landeserschließung durch die Paulistaner "Pionierrfront" wird hauptsächlich von aus armen Gegenden herstammenden Brasilianern und nur zu 20% von ausländischen Einwanderern besorgt. Die heutige Bewegung des "Marsches nach dem Westen" vergleicht Verf. mit einer ähnlichen Bewegung des vergangenen Jahrhunderts in den Vereinigten Staaten, die von einem starken Einwandererstrom begleitet war. Verf. lässt die für eine Besiedlung geeigneten Gebiete Brasiliens vor seinem Auge vorüberziehen, wobei er den Nordwesten von Paraná als den besten landwirtschaftlichen Boden bezeichnet.

Verf. untersucht eingehender die Ursachen der heutigen Einwanderungsbeschränkung, die andere sind als die, welche die Vereinigten Staaten zu ähnlichen Massnahmen veranlassten. In Brasilien ist die Hauptfrage die Assimilierung der Einwanderer und das Bestreben, die Bildung ethnischer Kerne zu vermeiden. Auf der einen Seite zeigt Verf. die dringende Notwendigkeit eine Lösung des Besiedlungsproblems für das Landesinnere auf, d. h. also den sogenannten "Marsch nach dem Westen", ohne Schaden für den Osten nur durch eine im grossen Stil vorzunehmende Einwanderung von Ausländern möglich; auf der anderen Seite aber vorkennt er auch die heutigen Schwierigkeiten einer Besiedlungspolitik nicht die sowohl auf die Schwierigkeiten von Seiten der Emigrationsländer als auch auf die einer gegenwärtigen Zulassung von Einwanderern entgegenstehenden Bedenken zurückzuführen sind, notwendige Beschränkungen "in einer Zeit der die ganze Welt beherrschenden Unvernunft".

Am Schlusse seiner Arbeit gibt Verf. in einem Kapitel, das "Eine aus den Vereinigten Staaten kommende Lehre" überschrieben ist, interessante Anregungen. Er führt die Besiedlung von Nord-Michigan an, welche infolge der Unkenntnis der wirklichen Boden- und Klimabedingungen dieses Gebietes von Scheitern verurteilt war. Er erzählt, wie man die Geographen der Universität Michigan beauftragte, um eine Gesamtaufnahme des Geländes vorzunehmen, die für verschiedenen Anbau, für Viehzucht, Aufforstung usw. geeigneten Flächen aufzuweisen, sodass das Land einer Nutzbarmachung wieder zugeführt werden könne. So zeigt er, "dass die Besiedlung sich an wissenschaftlicher Kenntnis orientieren müsse, und hierbei müssten die Geographen die Führung übernehmen". Zum Schluss ruft er die brasilianischen Geographen auf, in Brasilien eine eingehende geographische Bestandsaufnahme zu machen, mit ausführlichen Karten, die zur Grundlage für eine gut geleitete landwirtschaftliche Besiedlung dienen können; so könnten die Fehlergebnisse, die, wie Verf. an dem erwähnten Beispiel zeigt, in seinem Heimatland sich ergeben haben, vermieden werden.

La aŭtoro, profesoro de Geografio en la Universitato de Michingam (Ann Arbor) Usono, prezentas kontribuojn por la studo pri la problemoj de la fiksa koloniigo en Sudbrasilio, bazitan sur la observoj, kiujn li notis dum freŝdata vojaĝo.

Komence li studas la kontraston inter la urbo kaj la kamparo, karakterizaĵo tre signifa de la moderna Brazilo, kiu disetendiĝas al la ideoj kaj la vivmanieroj. Li ekzamenas la tradician formon de la kampara koloniigo — la farmbienon —, kun vivnormo ĝenerale modesta kaj karakterizata de la nedaŭra naturo de la terutiligo, kio estas intime ligita al la malintensa kulturo kaj naskas la movojn de la loĝantaro al la regionoj kun virgaj grundoj, ankoraŭ ne foruzitaj. Parolante pri la urbaj industrioj li montras kiel en Brazilo ne estas grafika apartigo inter regionoj de industriaj urboj kaj de kamparaj kulturejoj, ĉar ne nur la farmbienoj kiel ankaŭ la industrioj havas sian ĉefan progresadon ĉe la sama regiono. Li ankaŭ studas la rilatojn inter la fervojoj kaj la grandaj urbocentroj, montras iliajn karakterizajn aspektojn kaj konkludas, ke la fervojoj ludas malmulte gravan rolon ĉe la kunligo de la urboj kun la internlando.

La aŭtoro ekstudas la nunan situacion de la enmigrado kaj de la kampara koloniigo. Li montras, ke la traesplorata aktiveco de la "pionira fronto" en S. Paulo estas ĉefe farata de brazilanoj venintaj de malriĉaj zonoj kaj, nur je 20%, de fremdaj enmigrintoj, kaj komparas la nunan movadon de "marŝo okcidenten" kun la analoga movado okazinta en Usono dum la pasinta jarcento, tenita de forta fluo de enmigrado. Li ekzamenas la brazilajn zonojn favorajn al la koloniigo, kaj citas la regionojn de la nord-oriento de Stato Paraná kiel la plej bonajn terkulturajn grundojn en la lando.

La aŭtoro studadas la kialojn de l'nuna limigo al la enmigrado, kiuj estas tie ĉi malsamaj ol tiuj, kiuj, en Usono, altrudis samajn antaŭrimedojn. En Brazilo la fundamenta ideo estas la asimilo de la enmigrinto kaj la zorgo eviti la formadon de rasaj kistoj. Li reliefigas, unuflanke, la preman neceson solvi la problemon pri la koloniigo de la internlando, tio estas, la nomata "marŝo okcidenten", kiu nun estos ebla, sen malprofito por la orienta regiono, per grandskala fremda enmigrado; sed, aliflanke, li rekonas la nunajn malfacilaĵojn por koloniiga politiko, dank' al la malfacilaĵoj venintaj de la enmigradaj landoj, kiel ankaŭ por la aktualaj limigoj al la eniro de enmigrantoj, limigoj necesaj "dum periodo de monda frenezeco".

Finante sian verken la aŭtoro prezentas interesajn sugestiojn ĉe la ĉapitro titolita — "leciono veninta de Usono". Li preparolas pri la koloniigo de la norda parto de Stato Michingam, kiu rezultigis frakason dank' al la nesciado de la vera kondiĉoj de la grundo kaj de la klimato de tiu regiono. Li rakontas kiel la geografoj de la Universitato de Michingam estis nomataj por verki la ĝeneralan karton de tiuj teroj, montrantan la tersupraĵojn taŭgajn por la diversaj kulturoj, la brutedukado, la rearbarigo, k. c., tiamaniere ke la regiono reavigus produkteman utiligon. Li tiel montras, ke "la koloniigo devas esti orientata per scienca kono, kaj, en tiu ĉi laboro, la geografoj povus preni sur sin la direktadon". Finante li faras alvokon al la brazilaj geografoj, por ke estu farata en Brazilo intensa geografia kartverkadado kun detalaj mapoj, kiuj estu bazoj por bone orientita terkultura koloniigo, evitanta la ruinigajn rezultojn similajn al tiuj konstatitaj en lia patrolando, ĉe la ĵus montrita ekzemplo.